

O COMANDANTE DIANTE DO ESPELHO, OU LANGSDORFF NÃO JOGAVA POKER: TÁTICA MILITAR E INTERSUBJETIVIDADE

Delmo de Oliveira Torres Arguelhes¹

Grupo Geopolítica Oceânica (CEDEPEM)

Grativo: Groo não ajuda nada! Ele é um idiota! Ele é um débil! Groo tem o cérebro de um caruncho! É um tolo! Não possui nenhuma capacidade intelectual! –

Groo: O que você quer dizer com isso?

Dakarba: [Grativo], você está preocupado! Admita... um cabeça-de-anta também pode ser perigoso! Groo é o seu pior pesadelo! Toda sua destreza e magia não valem nada contra um homem de atos insensatos!

Sérgio Aragonés; Mark Evanier. Groo, o errante.

DO PLANEJAMENTO PARA A BATALHA

Groo, o Errante, personagem de histórias em quadrinho, foi criado pelo cartunista Sérgio Aragonés. É um guerreiro inspirado em outro personagem de ficção, Conan, o Bárbaro, Robert E. Howard. Apesar da gênese influenciada por um modelo másculo e poderoso, ele é completamente desajeitado, desmiolado e ingênuo; contudo é um hábil e invencível espadachim. Groo sempre procura ajudar os mais fracos, quando consegue descobrir quem é o agressor e quem é o agredido. Quando tal discernimento não ocorre, na maior parte dos casos, o errante ataca e mata amigos e inimigos indistintamente, transformando o campo de batalha num imenso cemitério.

Para um comandante, a presença de um adversário de atos insensatos – por excelência, imprevisíveis –, converte-se num desafio considerável para traçar planos de batalha. Groo seria um caso limítrofe, onde toda e qualquer racionalidade é inútil para avaliar o comportamento do outro. Contudo, tal questão não se aplica apenas nestes casos, pois fazer prognósticos no campo de combate, qualquer prognóstico – independentemente da racionalidade do outro –, implica em imaginar o devir humano, lidar com inúmeras possibilidades e nunca perder de vista que, qualquer projeção, por mais que esteja recheada de

¹ Doutor em História das Ideias (UnB, 2008), com estágio pós doutoral em Estudos Estratégicos (UFF, 2020). É pesquisador associado do NEA / INEST / UFF.

dados, gráficos, números ou informações privilegiadas, jamais passará de um palpite. No campo da guerra nunca há resultados definidos de antemão.

Em 13 de dezembro de 1939 – nos primeiros meses da II Guerra Mundial –, no Atlântico Sul, o encouraçado de bolso alemão,² Admiral Graf von Spee entrou em combate contra três belonaves britânicas, os cruzadores Ajax, Achilles e Exeter. O Exeter foi muito danificado pelos projéteis germânicos, sendo posteriormente rebocado até a Grã-Bretanha. Ajax e Achilles sofreram danos menos graves, porém abandonaram o combate, enquanto o Graf von Spee, sob as ordens do comandante Hans Langsdorff, atingido por torpedos, mas com os canhões em pleno funcionamento, aproveitou para se refugiar num porto neutro, Montevideú. Esse recontro, nomeado a Batalha do Rio da Prata, foi o primeiro enfrentamento naval do conflito. Dias depois, convencido que a Marinha Real britânica havia cercado o estuário do rio com uma poderosa frota, Langsdorff afundou o próprio navio, e se suicidou na sequência. Usaremos esse evento como um exemplo da intersubjetividade na guerra.

A BATALHA E O OUTRO

Carl von Clausewitz coloca como um dos aspectos essenciais da guerra, a questão da intersubjetividade. Sendo a guerra a colisão de forças vivas, o comportamento do outro é um dado fundamental (2010, p.11). Clausewitz apresenta três definições sobre o fenômeno da guerra: um duelo na mais vasta escala (2010, p.7), um ato de violência que força o adversário a submeter-se à vontade (2010, p.7) e – a mais notória – a realização das relações políticas por outros meios (2010, p.27). Nos aspectos ideais, a dinâmica da guerra possui três ações recíprocas. A terceira ação recíproca remete ao uso da força no campo de batalha. Sendo a guerra um conjunto de atos violentos, onde cada adversário executa a lei do outro (2010, p.10, 127), não haverá – no campo teórico – limites para a manifestação da violência. Assim também como a violência dos combates seria uma adequação em relação ao outro. Em síntese apertada, ambos os adversários podem manter a violência de um conflito em baixa intensidade, agindo com reciprocidade. Contudo, a vontade de sobrepujar o outro, pode levar a uma escalada crescente de atos violentos, de ambos os lados, sem limites. No campo prático, o que pode limitar a intensidade dos combates é a liderança política. Daí o sentido da famosa frase

² Encouraçado de bolso foi uma adaptação elaborada pela Marinha Alemã (*Kriegsmarine*) na década de 1930, para construir cruzadores de batalha que não ferissem o Tratado de Versalhes (1919), o qual limitava o deslocamento máximo das belonaves germânicas em 10.000 ton. Abandonando a construção tradicional, com chapas de aço arrebentadas, por uma nova técnica de solda, foi possível fazer esse modelo, dentro dos limites. Graças a esse expediente, o navio era eficientemente blindado e leve. A leveza possibilitava alcançar velocidades superiores aos adversários. A designação “de bolso” foi usada pelos britânicos. A classe de navios foi nomeada *Deutschland*; foram construídos três exemplares: *Lützow* (anteriormente *Deutschland*), *Admiral Scheer*, e *Admiral Graf von Spee*.

clauswitziana. Sendo um instrumento político, a guerra é um meio para se atingir um determinado fim. Não se pode conceber o primeiro independente do segundo. Nunca é demasiado insistir que essa observação não é uma lei implacável da natureza, mas sim um preceito. Submeter as ações militares aos interesses e comando da liderança política não acontece obrigatoriamente, mas deveria ser o procedimento, num Estado organizado e com instituições políticas sólidas.

O resultado da batalha é também uma relação em direção ao outro. O objetivo de qualquer ação militar deve ser desarmar o inimigo. Essa assertiva merece uma reflexão. Remete mais à questão de desarmar a vontade de resistir do adversário. “Para que o adversário se submeta à nossa vontade, é preciso colocá-lo numa situação mais desfavorável do que o sacrifício que lhe exigimos” (CLAUSEWITZ, 2010, p.10). Em suma, o outro deve ser convencido que a resistência não é vantajosa. A vitória não advém do controle de território, ou de batalhas decisivas sendo travadas.

Mas do convencimento do outro a se render. O exemplo da invasão e ocupação do Iraque a partir de 2003, ou mesmo da Guerra do Vietnã (1962-1975), mostra que a disposição em manter a luta de um dos lados, pode dobrar a vontade de um adversário melhor armado.

A primeira e a segunda ações recíprocas são as que mais nos interessam aqui. A tática é definida, desde a Antiguidade Clássica, como a arte de ordenar o exército para a batalha. A primeira função desse arranjo é enganar o adversário de tal maneira que, quando ele finalmente perceber a lógica do arranjo das tropas, seja tarde demais. Por outro lado, o adversário tentará imaginar uma tática que também siga tal preceito. Daí a afirmação clauswitziana sobre cada antagonista executar a lei do outro (2010, p.10). Ao imaginar uma tática, qualquer que seja, o comandante o faz imaginando o comportamento do outro. O engodo funciona apenas quando não aparece ao outro como um engodo. “Eu não sou dono de mim próprio, visto ele [o adversário] me ditar as suas leis, assim como eu lhe dito as minhas” (CLAUSEWITZ, 2010, p.11). Esta faceta remete à figura da ‘estratégia do labirinto’, onde dois contendores enfrentam-se, enredando-se um na trilha do outro. A vantagem pende para o ‘líder’, em detrimento do ‘seguidor’. Mas como liderar, garantindo que o outro seja o seguidor? Mas, como prever o ‘outro’? E se esse ‘outro’ for um ser de ‘atos insensatos’? Levando essa questão adiante, fica fácil mostrar que o problema não é enfrentar um Groo, com movimentos aleatórios. Qualquer comportamento humano pode ser funcionar como algo fora do esperado. Como planejar, diante da subjetividade e imprevisibilidade das ações humanas?

REFERÊNCIAS

- ARAGONÉS, Sérgio; EVANIER, Mark. (1991). Groo e as bruxas de Brujas. In: ARAGONÉS, Sérgio; EVANIER, Mark. **Groo, o errante**, Nº 11. São Paulo: Abril, 1991.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Da guerra**. Tradução de Maria Teresa Ramos. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.